

CRÍTICA LITERÁRIA II

ARTIFÍCIOS LINGÜÍSTICO-LITERÁRIOS NA ANTIGA POESIA NÓRDICA – UMA INTRODUÇÃO

Tiago Quintana
quintanads@yahoo.com.br

A antiga poesia nórdica, isto é, a poesia escandinava e islandesa composta entre os séculos VIII e XIII, era declamada por *skalds*, poetas profissionais da Escandinávia, Islândia e demais regiões de cultura predominantemente nórdica. Estudiosos a dividem entre poesia *eddaica* e poesia *skaldica*.

A poesia *eddaica* tinha como objetivo narrar as aventuras de deuses e heróis mitológicos, como os deuses Odin e Loki ou o herói Sigurd. De modo geral, ela não era tão complexa, em termos de sintaxe, métrica e vocabulário, quanto a poesia *skaldica*.

Exemplos de poemas *eddaicos* são a *Sigrdrífumál* (“A balada da portadora da vitória”, Bellows, 1936, p. 386), que descreve um encontro entre o herói Sigurd e a valquíria Brynhild (chamada no poema de Sigurdriða, “portadora da vitória”) e como esta o ensina a invocar o poder mágico das runas, e a *Lokasenna* (“A discussão de Loki”, Bellows, 1936, p. 151), que descreve um banquete dos deuses durante o qual Loki e os outros deuses trocam insultos entre si, culminando no aprisionamento de .

Já a poesia *skaldica* tinha como objetivo recitar e enaltecer os feitos de condes, reis e heróis nórdicos, como os reis Ragnar Lodbrok e Olaf Tryggvason ou o herói Egil Skallagrímsson. Ao contrário da poesia *eddaica*, a maior parte dos poemas *skaldicos* tinham como tema pessoas reais e eventos históricos, muitas vezes contemporâneos ao *skald* que compôs o poema, embora também existam poemas *skaldicos* com temas mitológicos.

Exemplos de poemas *skaldicos* são a *Ólafsdrápa Tryggvasonar* (“Eulogia a Olaf Tryggvason”, em uma tradução livre), que foi composto em homenagem ao rei norueguês Olaf Tryggvason e celebra seus feitos, e a *Íslendingadrápa* (“Eulogia aos islandeses”, em uma tradução livre) que relata a vida e os feitos de alguns heróis is-

landeses, como Egil Skallagrímsson, Grettir Asmundarson e Kormak Ogmundarson.

Embora cada uma tivesse suas próprias características estilísticas e temáticas, bem como sua própria métrica, o uso de aliteração, *kenningar* e *heiti*, os artifícios lingüístico-literários da antiga poesia nórdica, era comum a ambas.

ALITERAÇÃO

Aliteração é uma figura de linguagem que consiste na repetição de consoantes, vogais ou sílabas em um verso. Um exemplo disso é o verso infantil “O rato roeu a roupa do rei de Roma”.

Na antiga poesia nórdica, no entanto, aliteração consistia na repetição de sons, não de letras. Ela só podia ocorrer entre as sílabas tônicas das palavras; no caso do nórdico antigo e do islandês antigo, as línguas da antiga poesia nórdica, a sílaba tônica de uma palavra sempre caía em sua raiz, que era sempre a sílaba inicial.

Outra consideração é que os encontros consonantais *sp-*, *st-* e *sk-* só aliteravam consigo próprios, isto é, *sp-* com *sp-*, *st-* com *st-* e *sk-* com *sk-*, ao passo que as vogais e os ditongos sempre podiam aliterar entre si. A semivogal /j/ também podia aliterar com todas as vogais: nas línguas nórdicas, o <j> tem o som de /i/.

Uma característica da antiga poesia nórdica era agrupar as sílabas tônicas próximas umas às outras, em detrimento das sílabas átonas, tornando os poemas concisos e elegantes.

Eis um exemplo de aliteração, retirado do poema *Völuspá* (“A profecia da vidente”, Bellows, 1936, p. 1), em que uma profetisa relata suas visões do passado e do futuro ao deus Odin. As sílabas tônicas estão em negrito, as que aliteram estão sublinhadas e a cesura (pausa longa) é indicada por uma barra:

Hljóds **bid** ek allar | helgar kindir
meiri ok minni | mögu Heimdallar
viltu at ek Valfödr | vel fyr telja
forn spjöll fira | thau er fremst um man

CRÍTICA LITERÁRIA II

(Ouçam-me, raças sagradas, filhos de Heimdall, nobres ou vis; sua vontade, Pai de Todos, é que eu conte bem os fados do mundo como deles me lembro.)⁶

KENNINGAR

Kenningar são figuras de linguagem que, à semelhança da metonímia, substituem o nome de uma pessoa, objeto, local ou evento. Desse modo, o *kenning* “matador de gigantes” substitui o nome do deus “Thor”, conhecido por suas batalhas contra os gigantes, no poema *Thórsdrápa* (“Eulogia a Thor”, em uma tradução livre), que narra uma de suas muitas aventuras na terra dos gigantes.

Muitos *kenningar* fazem referência à mitologia nórdica. Por exemplo, quando se usa “pai do lobo” para se referir ao deus Loki, como se faz na *Lokasenna*, alude-se ao fato de que Loki era o pai do lobo Fenris.

É possível fazer novas construções poéticas usando seqüências de *kenningar*. Por exemplo, de acordo com a *Prose Edda* (“Edda em Prosa”, em uma tradução livre), um manual do poeta islandês Snorri Sturluson sobre a antiga poesia nórdica, “dança do verme do orvalho do massacre” significa “batalha”: “orvalho do massacre” significa “sangue”, “verme do sangue” significa “espada” e, por sua vez, “dança da espada” significa “batalha”.

HEITI

Heiti são palavras raras usadas, por razões estilísticas, no lugar de outras mais comuns. Um exemplo de *heiti* é o uso de *skaevadr* (“viajante veloz”, em uma tradução livre) em vez de *hestr* (“cavalo”), como na *Oláfsdrápa Tryggvasonar*, ou, em português, o uso de “donzela” no lugar de “virgem”.

⁶ Todas as traduções para o português foram feitas pelo autor do artigo com base nas traduções para o inglês de Henry Adams Bellows, Lee M. Hollander e Benjamin Thorpe. A intenção da tradução é apenas a compreensão dos versos usados, não a fidelidade poética.

É possível usar *kenningar* em conjunto com *heiti*. Citando novamente a *Oláfsdrápa Tryggvasonar, skaevadr geima*, por exemplo, significa “cavalo do oceano”, isto é, “navio”.

MÉTRICA

Métrica é a medida do número de sílabas poéticas em um verso; essencialmente, é o que determina o ritmo de um poema. A métrica de um poema *eddaico* podia ser *fornyrthislag*, *ljóthaháttir* ou *málaháttir*. Independentemente da métrica, no entanto, cada verso era dividido em dois meio-versos por uma pausa longa, ou cesura, unidos entre si pela aliteração das sílabas tônicas.

Poemas em *fornyrthislag*, a “métrica antiga”, dividiam-se em estrofes de quatro versos; cada meio-verso tinha duas sílabas tônicas e duas ou três sílabas átonas, enquanto cada verso aliterava em duas ou três sílabas.

Eis um exemplo de um poema em *fornyrthislag* retirado do *Thrymskvida* (“O lai de Thrym”, Bellows, 1936, p. 174), um poema sobre como o gigante Thrym rouba o martelo do deus Thor e exige a deusa Freya em casamento antes de devolvê-lo; com a ajuda de Loki, Thor recupera seu martelo e mata o gigante. As sílabas tônicas estão em negrito, as que aliteram estão sublinhadas e a cesura é indicada por uma barra:

Vreithr vas Vingthórr | es vaknathi
ok síns hamars | of saknathi
skegg nam hrista | skor nam dýja
réth jarthar burr | umb at threifask

(Furioso ficou Thor quando enfim despertou e deu pela falta de seu poderoso martelo; de barba eriçada e cabelo agitado, a preciosa arma ele procurou e procurou.)

Poemas em *ljóthaháttir*, a “métrica da canção”, também dividiam-se em estrofes de quatro versos. Os versos ímpares seguiam a mesma estrutura de versos em *fornyrthislag*, enquanto os versos pares eram mais curtos, não possuíam cesura, apresentavam três sílabas tônicas e aliteravam em duas sílabas.

Eis um exemplo de um poema em *ljóthaháttir*, retirado do *Hávamál* (“A balada do Altíssimo”, Bellows, 1936:28), uma coletânea

CRÍTICA LITERÁRIA II

de provérbios em forma de poesia. As sílabas tônicas estão em negrito, as que aliteram estão sublinhadas e a cesura é indicada por uma barra:

Ar skal rísa | sás annars vill
fé etha fíor hafa
Liggjandi ulfr | skaldan láer of getr
né sofandi mathr sigr

(Cedo deve despertar, quem o sangue ou os bens de outrem quiser.
O lobo que nada faz não conseguirá carne, nem o dorminhoco, sucesso.)

Málahátt, a “métrica da fala”, era a métrica menos usada nos poemas eddaicos, não sendo tão antiga quanto fornyrthislag ou ljóthahátt.

A estrutura dos poemas escritos em málahátt era igual à estrutura dos poemas escritos em fornyrthislag, com apenas uma diferença: cada meio-verso em malahátt podia ter três ou quatro sílabas átonas, não apenas duas ou três.

Eis um exemplo de um poema em málahátt, retirado do *Atlamál* em Grönlensku (“A balada groenlandesa de Atli”, Bellows, 1936, p. 499), um poema que narra como Atli armou uma cilada para Gunnar e Hogni, filhos de Gjúki, e como Gudrun, irmã de ambos e esposa de Atli, os vingou. As sílabas tônicas estão em negrito, as que aliteram estão sublinhadas e a cesura é indicada por uma barra:

Horsk vas húsfreyja | hugthi at mannviti
lag heyrthi örtha | hvat á laun máeltu
thá vas vant vitri | vildi them hjaltha
skyldu of sáe sigla | en sjolf né kvamskat

(Sábia era a senhora, grande sua prudência; compreendeu bem o que foi dito em segredo. A perspicaz dama não sabia como ajudar; sobre os mares deveriam navegar, mas ela mesma não podia ir.)

A métrica de um poema *skaldico* era *dróttkvaett*, a “métrica da corte”, muito mais complexa que as métricas dos poemas *eddaicos*; *skalds* deviam seguir regras muito rígidas para comporem poemas em *dróttkvaett*.

Poemas em *dróttkvaett* dividiam-se em estrofes de oito versos e cada estrofe dividia-se em duas meia-estrofes de quatro versos; sempre ocorria uma divisão sintática entre as meia-estrofes. Cada verso devia ter exatamente seis sílabas poéticas e três sílabas tônicas

e devia terminar em um troqueu, isto é, uma sílaba tônica seguida de uma sílaba átona.

Na métrica *dróttkvaett*, ao contrário das outras métricas, a aliteração não ocorria dentro de um verso, mas sim entre dois versos, em duas ou três sílabas.

Além da aliteração, poemas em *dróttkvaett* também tinham uma rima interna. Nos versos ímpares, sílabas que têm as mesmas consoantes (exceto as consoantes iniciais), mas diferem nas vogais, rimam entre si, enquanto nos versos pares são aquelas com as mesmas vogais que rimam.

Poemas em *dróttkvaett* são notórios por sua fragmentação estrutural; uma oração podia estar inserida dentro de outra sem nenhuma razão aparente. Essa fragmentação estendia-se aos vocábulos compostos, que podiam ter seus componentes separados e espalhados entre dois versos.

Eis um exemplo de um poema em *dróttkvaett*, recitado pelo rei Harald Hardrade, retirado do *Fagrskinna* (“Pergaminho claro”, em uma tradução livre), uma coletânea de sagas sobre reis nórdicos. As sílabas tônicas estão em negrito, as que aliteram estão sublinhadas e as que rimam entre si estão em itálico, enquanto as orações inseridas dentro de outras estão entre parênteses:

Krjúpum vér fyr vápna
(valteigs) brokun eigi
(svá baud Hildir) at hjaldri
(haldord) í bug skjaldar

(Hátt bad mik) þar's maettusk
menskord bera forðum
hlakkar íss ok hausar
(hjalmstall í gný malma)

(Na batalha, não deve esconder-se atrás de um escudo durante a algazarra de armas [assim disse a honesta deusa da terra dos gaviões]. Ela, a portadora do colar, ordenou-me erguer orgulhosamente a cabeça no combate, quando o gelo da batalha [uma espada brilhante] tenta despedaçar crânios.)

CRÍTICA LITERÁRIA II

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A antiga poesia nórdica é um campo de estudo muito vasto e complexo, impossível de ser abordado apenas em algumas páginas. Este trabalho não se propõe a fazer nada mais que uma introdução ao assunto, na esperança de despertar no leitor interesse sobre o tema. Como assinalou Henry Adams Bellows (1936, p. xii-xiii) na *Poetic Edda* (“Edda Poética”, em uma tradução livre):

A Edda Poética não é apenas de grande interesse ao estudante da antigüidade; é uma coleção que inclui alguns dos mais notáveis poemas, de uma época anterior à caneta e à imprensa substituírem o poeta-cantor e a tradição oral, que foram preservados até nosso tempo. Foi, acima de tudo, o desejo de tornar mais conhecida a força dramática, a vívida e impressionante imaginação e as esplêndidas criações personificadas nesses poemas que trouxe à tona a presente tradução. (Henry Adams Bellows)

BIBLIOGRAFIA

BELLOWS, Henry Adams. *The Poetic Edda*. New York: Princeton University Press, 1936.

BJÖRNSSON, Eysteinn. *Íslendingadrápa, Ólafsdrápa Tryggvasonar, Thórsdrápa*. Jörmungrund, acesso em 09/08/2007.

STURLUSON, Snorri e FAULKES, Anthony. *The Prose Edda*. London: Everyman, 1995.

MEISSNER, Rudolf. *Die Kenningar der Skalden*. Leipzig: Schroeder, 1921.